

Indústria gaúcha: a crise bate à porta em 2005

André Luís Forti Scherer

Economista da FEE e Professor do Departamento de Economia da PUCRS.

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o desempenho das indústrias brasileira e gaúcha durante os primeiros seis meses de 2005. Constatou-se que, enquanto a indústria brasileira apresentou uma continuidade da sua trajetória de crescimento moderado iniciada ainda em 2003, a gaúcha teve um péssimo resultado em 2005, até o momento. Aqui também são analisados alguns dos fatores internos e externos que podem vir a afetar a "performance" da indústria, no Brasil e no Rio Grande do Sul, ao longo de 2005.

Palavras-chave

Indústria brasileira; indústria gaúcha; crescimento.

Abstract

This paper aims at analyzing the performance of Brazil and Rio Grande do Sul's industry during the first six months of 2005. The paper shows that while the Brazilian industry has maintained its path of growth since 2003, the RGS's industry has not follow the same pattern. In the last section, it is analyzed some internal and external factors that can affect the performance of the Brazil and RGS in the second semester of 2005.

Artigo recebido em 15 ago. 2005

O primeiro semestre de 2005 reservou surpresas desagradáveis para a indústria do Rio Grande do Sul. Embora ainda seja cedo para determinarmos 2005 como um "ano perdido", passado um semestre, torna-se evidente que as previsões mais otimistas enunciadas no início do ano não se confirmarão.

Diversos fatores contribuíram para esse resultado negativo e serão explorados ao longo deste artigo. Entretanto chama atenção o descompasso entre a *performance* da indústria regional e os resultados obtidos pelo setor em nível nacional. A atividade industrial no Brasil vem apresentando, até aqui, resultados que podem ser qualificados como razoáveis, em sintonia com o atual momento da economia brasileira, o qual combina um crescimento moderado e insuficiente para a geração de grande volume de emprego e investimento com superávits expressivos nas contas públicas primárias e, mais importante, dada a história da economia brasileira, com resultados positivos, na balança, em transações correntes.

Neste artigo, propomo-nos, em duas seções, a analisar os resultados obtidos pelos setores industriais do Brasil e do Rio Grande do Sul no primeiro semestre de 2005. Procuraremos, em seguida, esboçar algumas considerações quanto aos fatores que podem influenciar o desempenho da indústria no decorrer do ano. Dentre esses, destacamos as perspectivas para a economia mundial — fortemente afetada pelos desequilíbrios persistentes nas relações entre os EUA e a Ásia, em especial a China —, os efeitos da valorização cambial da moeda brasileira e a crise política pela qual passa o País.

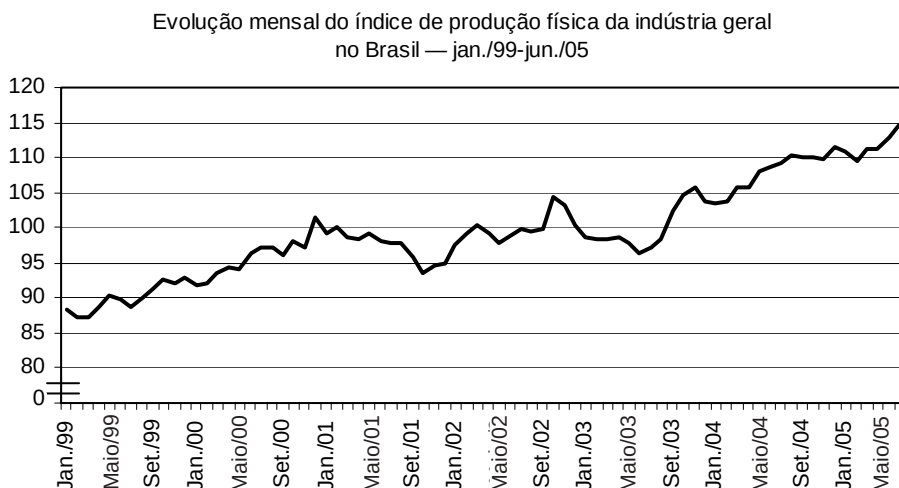
1 - A indústria brasileira no primeiro semestre de 2005

A indústria brasileira apresentou crescimento de 5% no primeiro semestre de 2005. Entretanto, enquanto as indústrias extrativas cresceram 10%, a indústria de transformação teve uma elevação, em sua produção, de 4,71% no mesmo período. Esse desempenho superior das indústrias extrativas pode ser atribuído ao "efeito China", ou seja, à maior demanda internacional por minérios, que tem afetado positivamente as exportações e os preços internacionais desse setor, a partir da presença mais ativa desse país, em forte crescimento, no mercado

internacional,¹ o que tem contribuído positivamente para as contas externas brasileiras.

Como pode ser observado no Gráfico 1, a indústria brasileira vem apresentando um crescimento moderado ao longo de 2005, o qual se acelerou no segundo trimestre do ano.

Gráfico 1



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: Brasil — número-índice. Rio de Janeiro, IBGE, 2004. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br Acesso em: 13 ago. 2005.
NOTA: Índice de base fixa mensal com ajuste sazonal (base: média de 2002 = 100).

Esse crescimento na produção física da indústria brasileira é tributário da boa *performance* dos bens de consumo duráveis, que acumulam no ano, até junho, um incremento de 16,69%, na comparação com o primeiro semestre do ano anterior, como mostra a Tabela 1. Enquanto a indústria como um todo apresentou variação, no período maio-jun., de 1,6% no índice com ajuste sazonal, os bens duráveis mostraram um crescimento de 8,1% nesse mesmo indicador. Esse bom desempenho representa uma continuidade daquilo que já foi observado em 2004, como bem demonstra o fato de que a produção de bens duráveis, em

¹ O subíndice metais, componente do índice CRB (Commodities Research Bureau, 2005), que mede os preços das *commodities*, apresentou, em maio de 2005, seu maior valor desde 1947 (370 pontos para uma base de 100 em 1967).

junho de 2005, se encontrava 23,6% superior à do mesmo mês de 2004 e 51% acima da média de 2002.

Esse excelente desempenho tem sido puxado pelo consumo de automóveis, telefones celulares e eletrodomésticos, os quais, em conjunto, responderam por 1,71 ponto percentual dos 5% de crescimento obtidos pela produção industrial no semestre. Como não podemos deixar de notar, o acréscimo no consumo desses bens decorreu do aumento das compras a prazo, as quais vêm crescendo a despeito das elevadíssimas taxas de juros reais impostas à economia brasileira. Evidencia-se, assim, a dependência desse setor dinâmico da atividade industrial, em 2005, da continuidade da expansão do crédito. Mantidas as condições vigentes na economia brasileira — elevadas taxas de juros reais que se conjugam à elevação da inadimplência e à ausência de ganhos salariais reais expressivos —, temos aí uma primeira e importante barreira à continuidade desse bom desempenho no decorrer de 2005.

Tabela 1

Taxa de crescimento acumulada da produção física da indústria, por categoria de uso, no Brasil — 2003-05

SEGMENTOS				(%)
	ACUMULADA JAN-JUN (1)			ACUMULADA EM 12 MESES ATÉ JUN/05 (2)
	2003	2004	2005	
Bens de capital	-2,78	22,22	3,83	9,15
Bens intermediários	4,31	4,99	2,36	5,25
Bens de consumo	-1,74	5,52	8,79	8,26
Duráveis	2,41	20,33	16,69	18,40
Semiduráveis e não duráveis ...	-2,61	2,27	6,68	5,74
INDÚSTRIA GERAL	1,04	6,53	4,99	6,68

FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 13 ago. 2005.

(1) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

A evolução da produção da categoria dos bens semiduráveis e não duráveis apresentou recuperação frente às baixas *performances* obtidas em 2003 e 2004. No entanto, não é possível afirmar que tenham rompido com a prolongada estagnação que tem marcado o desempenho desse segmento. Essa estagnação é decorrente dos baixos níveis absolutos de emprego e de renda que têm afetado a população assalariada do País nas últimas décadas, o que se reflete em quedas na produção de bens essenciais, como alimentos e bebidas elaborados. Embora tenha apresentado crescimento de 3,95% no primeiro semestre de 2005, a produção de alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico ainda se mostra 1,11% abaixo da produção média obtida em 2002.

Contrastando com o bom desempenho dos bens duráveis, as categorias bens de capital e bens intermediários afetaram negativamente a média da produção industrial brasileira no primeiro semestre de 2005.

A categoria bens de capital não manteve o ritmo de crescimento obtido em 2004, ao contrário do que vem ocorrendo com a categoria dos duráveis. Dependente do aumento dos investimentos, essa categoria teve sua expansão prejudicada pelas elevadas taxas de juros. Segmentos específicos, como máquinas e equipamentos para a agricultura, foram ainda afetados pela seca e pela queda de rendimento na agroindústria em geral. Assim, a produção de máquinas e equipamentos para a agricultura apresentou uma queda de 36,28 pontos percentuais no primeiro semestre de 2005, frente ao mesmo período do ano passado, enquanto o desempenho da categoria bens de capital para fins industriais se mostrou positivo em 4,99%, acompanhando a *performance* da indústria como um todo. O fraco desempenho dos bens intermediários foi, por sua vez, tributário da queda de 4,62% na produção de combustíveis e lubrificantes elaborados, no primeiro semestre de 2005 frente ao mesmo período de 2004.

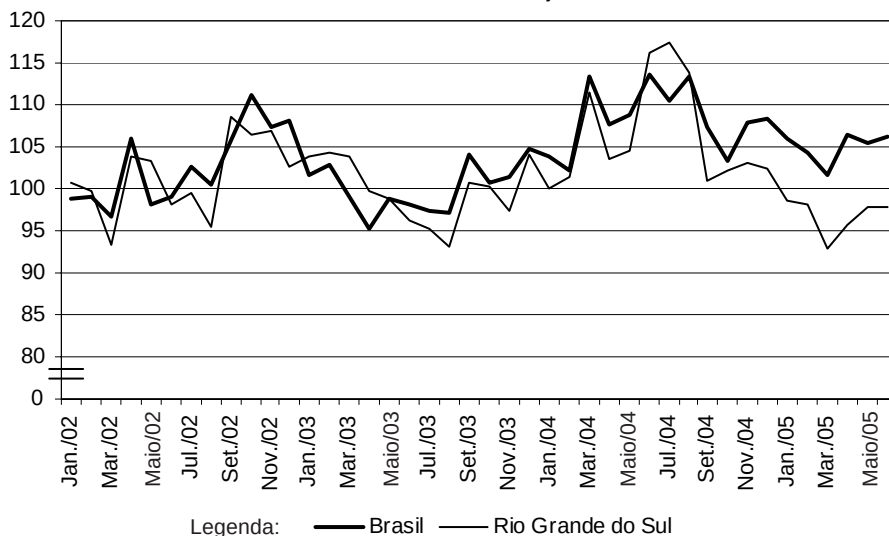
Quanto às seções e atividades da indústria brasileira, material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicação (21,44% de crescimento frente aos primeiros seis meses de 2004), edição, impressão e reprodução de gravações (12,33%) e veículos automotores (12,22%) foram aquelas que mais se destacaram no primeiro semestre. Negativamente, contribuíram a indústria do fumo (-3,74%), metalurgia básica (2,20%), outros produtos químicos (-0,42%) e refino de petróleo e álcool (-0,03%).

2 - O fraco primeiro semestre da indústria gaúcha

Segundo o IBGE, a indústria gaúcha apresentou uma queda de 3,22% no primeiro semestre de 2005, frente aos primeiros seis meses de 2004. Trata-se do pior desempenho industrial estadual dentre aqueles medidos por esse instituto de pesquisa. Essa menor produção, ao mesmo tempo em que a indústria brasileira crescia 5%, aumentou a diferença entre os desempenhos das indústrias do Rio Grande do Sul e do Brasil, ampliando uma disparidade que se iniciou ainda no segundo semestre de 2004 (Gráfico 2).

Gráfico 2

Evolução mensal do índice de produção física da indústria geral no Brasil e no Rio Grande do Sul — jan./02-mar./05



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 13 ago. 2005.

NOTA: Os índices têm como base o mesmo mês do ano anterior.

Esse fraco desempenho em 2005 contrasta com a *performance* de recuperação obtida em 2004. Observa-se, na Tabela 2, que a indústria gaúcha perdeu grande parte do crescimento obtido no ano anterior, estando a produção acumulada entre julho de 2004 e junho de 2005 apenas 1,56% acima daquela obtida no acumulado dos 12 meses anteriores. Ainda assim, nota-se uma pequena melhoria no segundo trimestre, com a produção acumulada no primeiro atingindo a pior marca até o momento, uma queda de 3,72% frente ao primeiro trimestre de 2004.

Tabela 2

Taxa de crescimento acumulada da produção física da indústria geral
no Rio Grande do Sul — mar./04-jun./05

(%)

PERÍODOS	ACUMULADA NO ANO (1)	ACUMULADA EM 12 MESES (2)
Até mar./04	4,60	-0,17
Até abr./04	4,30	0,18
Até maio/04	4,37	0,69
Até jun./04	6,24	2,28
Até jul./04	7,81	4,12
Até ago./04	8,53	5,83
Até set./04	7,68	5,85
Até out./04	7,08	6,01
Até nov./04	6,72	6,52
Até dez./04	6,39	6,39
Até jan./05	-1,36	6,27
Até fev./05	-1,61	6,01
Até mar./05	-3,72	4,30
Até abr./05	-3,61	3,67
Até maio/05	-3,30	3,05
Até jun./05	-3,22	1,56

FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 13 ago. 2005.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

Dois fatores destacam-se para a explicação desse resultado: a seca, que afetou severamente a produção agrícola e a disponibilidade de matéria-prima para algumas agroindústrias, e a valorização cambial, que tem prejudicado o

desempenho exportador de algumas atividades industriais, notadamente aquelas intensivas em trabalho, cujos preços externos têm sido pressionados, devido à acirrada concorrência com os países asiáticos, em particular com a China.

A análise da *performance* das seções e das atividades da indústria gaúcha (Tabela 3) dá-nos exemplos que ilustram os dois casos. O desempenho de máquinas e equipamentos, negativo em 19,71%, no primeiro semestre, deve-se sobretudo à perda de dinamismo do Setor Primário no Estado, ao longo de 2005, mesmo que essa atividade tenha saído-se ainda pior no Brasil (-36,28%). É importante salientar que, segundo o IBGE, a agroindústria brasileira cresceu apenas 0,33% no primeiro semestre de 2005 e que atividades com forte peso para a indústria gaúcha foram responsáveis por essa estagnação. Além de máquinas e equipamentos agrícolas, também a indústria do fumo tem apresentado um desempenho negativo em 2005, até o momento (-5,79%), embora inicie uma recuperação, face ao péssimo primeiro trimestre do ano (-22,70%).

Notamos também exemplos de atividades prejudicadas pela queda na renda com as exportações. Embora o câmbio não tenha afetado negativamente a atividade exportadora brasileira até o momento, isso deve-se, em parte, ao fato de o Brasil ser exportador de matérias-primas e produtos primários que têm visto sua demanda e seu preço aumentados pela presença dinâmica da China no mercado internacional. Entretanto, quando se trata de produtos exportados pela economia chinesa, o efeito do acirramento da concorrência sobre os preços internacionais tem sido o inverso, e, nesse caso, a valorização cambial, que atinge aproximadamente 25% nos 12 meses entre agosto de 2004 e julho de 2005, quando deflacionada pelo INPC, é mais um fator a barrar a possibilidade de expansão da produção. Fazendo frente a esses elementos, o desempenho da indústria de calçados e artigos de couro tem sido surpreendentemente positivo até o momento (4,97% de crescimento no primeiro semestre), embora o nível de emprego nessa atividade esteja em queda. Já a indústria do mobiliário não tem conseguido encontrar alternativas que promovam a manutenção da produção, tendo esta se reduzido 12,28% na comparação com os primeiros seis meses de 2004.

Tabela 3

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por seções e atividades da indústria, no RS — 2004-05

(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	JUN/05 (1)	ACUMULADA NO ANO (2)			ACUMULADA NOS ÚLTIMOS 12 MESES ATÉ JUN/05 (3)
		Jan.- -Dez./04	Jan.- -Mar./05	Jan.- -Jun./05	
INDÚSTRIA GERAL	-2,23	6,39	-3,72	-3,22	1,56
Indústrias extrativas	-	-	-	-	-
Indústria de transformação	-2,23	6,39	-3,72	-3,22	1,56
Alimentos	4,99	-0,31	7,71	5,41	2,52
Bebidas	25,26	6,98	4,04	-3,41	0,73
Fumo	5,88	26,84	-22,70	-5,79	13,33
Calçados e artigos de couro ..	1,27	0,69	2,61	4,97	6,40
Celulose, papel e produtos de papel	7,42	1,61	0,28	-0,76	-2,89
Edição, impressão e reprodução de gravações	8,27	5,54	-0,32	2,52	4,78
Refino de petróleo e álcool	-16,63	-6,17	-10,03	-5,21	-11,61
Outros produtos químicos	-10,90	-0,56	-5,65	-5,71	-2,89
Borracha e plástico	-7,90	13,28	-6,58	-7,75	1,28
Metalurgia básica	-7,17	14,62	2,18	-1,28	6,60
Produtos de metal (exclusive máquinas e equipamentos) ...	3,55	8,67	16,28	5,94	8,22
Máquinas e equipamentos	-9,57	16,84	-16,55	-19,71	-3,74
Veículos automotores	-5,44	21,75	-3,81	-2,60	8,82
Mobiliário	-8,72	12,10	-16,21	-12,28	-0,87

FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2004/2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 13 ago. 2005.

NOTA: A nova pesquisa de produção física industrial mensal referente ao Rio Grande do Sul exclui vários grupos de atividades: têxtil; vestuário e acessórios; madeira; farmacêutica; perfumaria; sabões, detergentes e produtos de limpeza; outros produtos químicos; minerais não-metálicos; máquinas para escritório e equipamentos de informática; máquinas, aparelhos e materiais elétricos; materiais eletrônicos; aparelhos e equipamentos de comunicações; outros equipamentos de transporte; e diversos.

(1) Índice mensal com base em igual mês do ano anterior = 100. (2) Índice acumulado com base em igual período do ano anterior = 100. (3) Índice acumulado com base nos 12 meses anteriores = 100.

3 - Considerações finais: o que se pode esperar do restante de 2005?

Alguns elementos de natureza bastante distinta impedem uma maior clareza quanto ao cenário para o restante do ano.

No *front* interno, a emergência de uma crise política de grandes proporções e que amplia, a cada dia, a incerteza é um primeiro elemento que deve ser levado em conta. Outra questão de natureza econômica, mas não totalmente independente da questão política, trata do comportamento da taxa de juros reais e das possibilidades de expansão do crédito nesse contexto. Também segue uma incógnita, até o momento, qual seria a resposta do setor externo da economia brasileira em um cenário de expansão da renda e do emprego, dada a valorização cambial já registrada no ano. E, em caso de uma acelerada desvalorização, como reagiria a inflação, que somente foi contida com uma ajuda da valorização cambial? Não estaria aí o estopim para novos aumentos na taxa de juros, com a volta do interminável *stop and go*? A percepção do agravamento da crise política e da incerteza na área econômica já vem afetando o ânimo do empresariado industrial, como mostra a última **Sondagem Conjuntural**, da Fundação Getúlio Vargas, realizada em julho de 2005, que apresenta os piores resultados em dois anos, com 29% das respostas qualificando a situação atual dos negócios como "fraca" (Stelzer, 2005).

No *front* externo, as relações entre os Estados Unidos e a China e as questões internas referentes à economia norte-americana e à sustentabilidade do seu ritmo de crescimento são de crucial importância para o ritmo de atividade no Brasil. Um cenário externo benigno permite ao País reduzir o peso da dívida externa e dos pagamentos que devem ser feitos ao exterior, graças à enorme liquidez hoje vigente na economia mundial, ao mesmo tempo em que a manutenção do crescimento na China e nos Estados Unidos são fundamentais para o bom desempenho do setor exportador nacional. Uma reversão desse cenário que passasse por uma aceleração do aumento da taxa de juros nos Estados Unidos — a qual vem crescendo em um ritmo moderado — seria desastrosa para a economia mundial e para o Brasil em particular.

É importante salientar que os Estados Unidos têm de fazer frente a fortes desequilíbrios internos e externos, tendo seu crescimento dinamizado por uma demanda extremamente dependente da oferta de crédito abundante e barato, o qual somente é viabilizado a partir das decisões dos principais bancos centrais de países credores de manterem suas reservas denominadas em dólar. Internamente, entretanto, as taxas de juros baixas levam à formação de "bolhas"

de ativos, como mostra o atual aumento de preços no setor imobiliário, que tem servido de suporte para a expansão do endividamento das famílias norte-americanas.

A decisão chinesa de valorizar sua moeda, passando a um regime de bandas cambiais lastreado em uma cesta de moedas, pode ser vista como um passo na direção desejada por Washington de compartilhar com outros países o peso dos ajustes necessários para uma redução não traumática dos atuais desequilíbrios. Ao mesmo tempo, a timidez da mudança, até o momento, representa a vontade chinesa de manter sob seu estrito controle as decisões estratégicas quanto à sua economia, impedindo retaliações comerciais norte-americanas de forma unilateral.

Como podemos ver, são muitas as questões em aberto que afetam o potencial de produção da indústria brasileira para o restante do ano. Essas respostas são ainda mais importantes para a indústria do Rio Grande do Sul, visto o péssimo desempenho obtido no primeiro semestre de 2005. Nesse cenário, uma crise interna, ou externa, poderá levar a indústria gaúcha a experimentar, em 2005, um ano extremamente negativo, o que esperamos que não se concretize.

Bibliografia

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Base de dados**. Brasília, DF: BACEN, 2005. Disponível em: www.bacen.gov.br Acesso em: 13 ago. 2005.

COMMODITY RESEARCH BUREAU. **CRB spot indexes: current construction — metals**. Chicago, Ill.: CRB, 2005. Disponível em: <http://www.crbtrader.com> Acesso em: 13 ago. 2005.

IBGE. **Base SIDRA**. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em: 13 ago. 2005.

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: Brasil — número-índice. Rio de Janeiro, IBGE, 2004. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br Acesso em: 13 ago. 2005.

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 13 ago. 2005.

STELZER, Vanessa. **Indústria mostra o menor grau de confiança em dois anos — FGV**. São Paulo: Yahoo, 2005. Disponível em: <http://br.news.yahoo.com> Acesso em: 27 jul. 2005.